



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA SOBRE O TRANSTONO DO ESPECTRO DO AUTISMO E SUA INTERAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR

A PSYCHOANALYTIC APPROACH TO AUTISM SPECTRUM DISORDER AND ITS TEACHING-LEARNING INTERACTION IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

Matheus Claudino¹

Elias de Souza²

Flávia Heloísa Nogueira Francisco³

RESUMO

A psicanálise influenciou muitos movimentos e técnicas que estimulam uma educação diferente e interdisciplinar auxiliando na concepção de educação. A relação entre pedagogia e psicanálise não é mais considerada com restrição e disparidade e, sendo assim, encontra-se consolidada e presente nos tempos atuais. Considerando essas duas perspectivas: o objetivo do sujeito educador é o desenvolvimento de toda a personalidade? O desenvolvimento do intelecto, bem como das emoções para fins são socialmente desejáveis? Tratando-se do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e as interações destes indivíduos no ambiente escolar, utilizamos como embasamento teórico, a abordagem psicanalítica clássica em conjunto com a noção vygotskiana da didática estética. Com isso, almejamos compreender algumas categorias importantes no processo de ensino-aprendizagem de Geografia para estudantes com TEA e identificar desafios e problemas a serem resolvidos. Um ambiente escolar inclusivo, em conjunto com processos didáticos adequados, poderá viabilizar uma educação mais humanizada, rica e agregadora.

Palavras-chave: Psicanálise. Transtorno do Espectro Autista. Ensino de Geografia.

ABSTRACT

Psychoanalysis influenced many movements and techniques that encourage a different and interdisciplinary education, helping to design education. The relationship between pedagogy and psychoanalysis is no longer considered with restriction and disparity and, therefore, is consolidated and present in current times. Considering these two perspectives: is the objective of

¹Graduando em Geografia-Licenciatura. UFMS Campus II de Aquidauana. Email: matheusclaudinofernandes@hotmail.com.

² Graduando em Geografia-Licenciatura. UFMS Campus II de Aquidauana. Email: cleoniceapgdasilva@hotmail.com.

³ Mestre em Educação. Docente da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso. E-mail: heloisa.flavia@gmail.com



the educating subject the development of the entire personality? Is the development of intellect as well as emotions for purposes socially desirable? In the case of Autism Spectrum Disorder (ASD) and the interactions of these individuals in the school environment, we use the classical psychoanalytic approach together with the Vygotskian notion of aesthetic didactics as a theoretical basis. With this, we aim to understand some important categories in the Geography teaching-learning process for students with ASD and identify challenges and problems to be solved. An inclusive school environment, together with appropriate teaching processes, can enable a more humanized, rich and inclusive education.

Keywords: psychoanalysis. Autism Spectrum Disorder. Education. Teaching Geography.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo investigou a relação entre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a educação, baseando-se em uma perspectiva psicanalítica e pedagógica, partindo das diferentes compreensões derivadas de autores relacionados a escola psicanalítica freudiana, para tanto, a escrita orienta-se pelo caminho traçado pelo neurologista e psiquiatra Austríaco Sigmund Schlomo Freud 1905/1976, considerado o criador da psicanálise onde em suas obras afirma que boa parte dos fenômenos mentais podem ser explicado de forma fisiológica ou seja de forma médica. O pediatra inglês Donald Winnicott Woods (1896/1971), em suas obras complementa e revoluciona as idéias freudianas, já que ao contrário de Freud tinha acesso ao atendimento direto com crianças.

A partir de autores que visam orientar e descrever as ideias de Freud e Winnicott, o presente trabalho teve como questão-problema: qual a possível relação entre educação e psicanálise para compreender o sujeito com TEA? Ou seja, “refletir e relacionar os campos da psicanálise e educação e suas possíveis interlocuções” (LAGO, 2013, p.8).

Como sujeitos educadores, professores e principalmente, humanos, devemos, em simbiose com a materialidade em que vivemos, compreender o divergente, os obstáculos individuais e, sobretudo, a conjuntura política e social. É necessário adentrar na realidade das salas de aula, todavia, não podemos nos abster da pesquisa. É por meio do outro, dos atores que se relacionam no ambiente, das formas como construímos contatos, que há a constituição do ser. Analisando a inclusão escolar e a aprendizagem de alunos com TEA percebemos que as propostas didáticas vygotskianas, constituem-se como pontos possibilidades de reflexão para o processo de aprendizagem das crianças TEA.

No DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) a pessoa com TEA



é caracterizada com alterações significativas no processo de neurodesenvolvimento, como déficits recorrentes no comportamento, na relação social e na comunicação social, além destes pode manifestar padrões limitados e repetitivos de comportamento. Essas alterações caracterizam-se por dificuldade em estabelecer interações espontâneas com pares; carência da reciprocidade social e de comunicação não verbal e verbal, padrões repetitivos e restritos de comportamento, de curiosidade, atividades e rotina diária, ocorrendo uma confusão emocional nas mudanças de rotina (DSM-5, 2013).

O médico e psicólogo Donald Woods Winnicott, por outro lado, realizou diferentes estudos de forma autônoma, sem preocupação em criar sistemas profundos e contínuos. Quando pesquisamos a temática do autismo, por exemplo, procurando um conjunto de formulações e conceitos, percebemos que estes estão difundidos de forma esparsa no decorrer de toda a sua obra, muito embora, os textos com maiores detalhamentos estejam reunidos no artigo “*Pensando sobre crianças*”.

Para o educador que considera o processo de assimilação do pensamento winnicottiano, a ausência de sistematização teórica de tais conceitos e ideias podem dificultar esse processo, é importante se atentar à interação dos conceitos no seu conjunto, sua ordem epistemológica e seus desdobramentos, para assim, estabelecer as formulações corretas.

A ideia fundamental que o pensador Winnicott constatou em suas observações foi o fato que as posições e interações da mãe com o seu bebê estão na base do desenvolvimento do “self” de todos os indivíduos, correlacionando à saúde ou à ausência de saúde os desdobramentos destas posições e interações, evidenciando como o estado emocional da mãe é fundamental em todos os casos, principalmente quando se trata da fase mais inicial, na qual o TEA pode manifestar-se.

De acordo com a abordagem winnicottiana das psicoses, o ambiente acaba falhando no fornecimento da condição básica do bebê, o que faz nascer uma agonia intensa, uma angústia irrefreável, contra a qual o bebê coloca-se defensivamente, no TEA essa defesa é a invulnerabilidade, que o protege de reviver a agonia.

Segundo o DSM-5, os níveis do autismo são classificados com base no nível de suporte necessário. São eles: nível 1 (autismo leve), nível 2 (autismo moderado) e nível 3 (autismo severo), tratamos no presente estudo do TEA nível 1 de suporte.

Na dinâmica escolar percebemos o aluno com TEA de forma retraída, geralmente posiciona-se nas últimas fileiras, distantes do educador e da turma, às vezes esse estranhamento poderá ser inicial ou não, há quem consiga se relacionar de forma singela, participando pouco das aulas ou somente quando o professor propõe uma intervenção. À medida que o ambiente



escolar reproduz ambientes anteriores, a estrutura agonizante pode ser repetida e assimilada em outros ambientes do cotidiano.

A tentativa de interrupção dessa relação a priori de retorno à invulnerabilidade é o momento preciso que demanda intervenção do professor. Percebemos como o meio é um fator importante que deve ser levado em consideração, sendo fundamental para a processualidade de refinamento do indivíduo, influenciado pela dinâmica proposta no espaço escolar.

O filósofo francês Michel Foucault teceu diversas considerações acerca da escola, desvelando sua relação hierárquica e os processos fundantes. De acordo com Foucault “A organização do espaço, nos esquemas disciplinares, é realizada de maneira a conferir visibilidade aos corpos e estabelecer um quadro classificatório e comparativo das individualidades. [...]” (FOUCAULT, 2007, p. 126-127).

O ambiente escolar pode ser considerado hostil para muitos estudantes, cuja pressão social com o cumprimento de regras e o encaixe desejado em papéis sociais pré-estabelecidos acabam dificultando o relacionamento de alunos não familiarizados com essas estruturas hierárquicas, de viés neurotípico. A vulnerabilidade percebida na relação de retorno pelo aluno com TEA acaba sendo incentivada em espaços onde a interação não seja diferenciada, buscando atenuar e amenizar essas relações.

Uma educação que considera a subjetividade do sujeito, exige do professor uma reflexão crítica sobre sua função na estrutura educacional e, além disso, a superação de seu narcisismo. Na ótica psicanalítica, a preocupação materna primária poderia ser vista como a capacidade de cuidar do bebê, em grau suficiente para evitar uma agonia. Isto porque essa preocupação permitiria uma adaptação adequada às necessidades do bebê, quando a mãe, ou seu substituto, coloca-se na pele deste, protegendo-o contra invasões e imprevistos. O ambiente que circunda essa interação é relevante, sendo tanto o ambiente interno quanto o externo capaz de “falhar ou ganhar” no decorrer dessa interação.

De acordo com Winnicott:

A alternativa a ser é reagir, e reagir interrompe o ser e o aniquila. Ser e aniquilamento são as duas alternativas. O ambiente tem por isso como principal função a redução ao mínimo de irritações a que o lactente deva reagir com o conseqüente aniquilamento do ser pessoal. Sob condições favoráveis, [com] [...] o cuidado que ele recebe de sua mãe, cada lactente é capaz de ter uma existência pessoal e assim começa a construir o que pode ser chamado de "continuidade de ser". [...] Se o cuidado materno não é suficientemente bom então o lactente realmente não vem a existir, uma vez que não há continuidade do ser; ao invés a personalidade começa a se construir baseada em reações a irritações do meio. (1983, p. 47 e 53)



O ambiente, assim como o que ocorre nos cuidados maternos iniciais, deve ser um “ambiente suficientemente bom” capaz de absorver as demandas heterogêneas presentes na sala de aula, além disso, há de influenciar uma interação que articule democraticamente os papéis sociais, que são pré-estabelecidos antes mesmo da vivência escolar. Alunos com a essa condição internalizaram um ambiente hostil, portanto, é imprescindível tentar fragmentar essa interiorização, proporcionando, paralelamente, uma alternativa concreta de uma espacialidade cujo processo não consista na simples reprodução de ambientes anteriores.

O cenário escolar ainda projeta para o educando a mesmice das imposições necessárias aos corpos dóceis. Este espaço de reprodução do óbvio implica a criação de modos de ser e viver que se restringem e se submetem ao saber/poder instituídos (Foucault, 1987). O autor vai se referir à escala do controle, não sendo uma preocupação em cuidar do corpo, mas de exercer sobre o mesmo a níveis extremos a coação, controlar gestos, atitudes e movimentos que sejam desnecessários. Em seguida se dirige ao objeto do controle: economia de tempos e movimentos, sendo necessário o exercício objetivo e prático. Toda metodologia de construção de corpos dóceis e úteis é realizada pelas chamadas disciplinas” (FOUCAULT, 1987 apud ANDRADE RODRIGUES, 2019, p. 129).

2 A PSICANÁLISE: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Não é de hoje que a psicanálise é vista com bons olhos pelos educadores. O processo didático empreendido pelo professor de geografia deve ser ampliado aos conceitos psicanalíticos, principalmente as noções básicas do ambiente escolar e os procedimentos utilizados para criar ambientes lúdicos, inclusivos e sistemáticos.

A geografia, a primeiro momento, pode parecer distante dos fundamentos básicos psicanalíticos, entretanto, Sigmund Freud retratou os diversos espaços e sua absorção pelo inconsciente. Um exemplo disso é o livro “A Interpretação dos Sonhos” em que o psicanalista austríaco relaciona as imagens de paisagens e lugares produzidas pelo inconsciente e, posteriormente, cria uma teia interconectada com significados presentes no “espaço onírico”.

A educação no prisma da psicanálise, deve superar os papéis tradicionais estabelecidos na sala de aula. Além de disso, é importante compreender fenômenos como o da transferência, utilizando-se desse mecanismo para potencializar o processo de ensino-aprendizagem.

Nessa direção, a figura do professor de Geografia deve mediar as diversas individualidades, gerenciando-as para criar um ambiente propício para o estudo. Perceber como o aluno se insere na transferência, auxiliar a lidar com as várias situações na sala de aula, e para o aluno com TEA, pode-se mediar sua relação dialética no espaço escolar e observar como o mesmo se insere nesta interação.



A relação entre psicanálise e educação surgiu em meados do século XX, quando Freud abordou assuntos referentes a pedagogia e o inconsciente, possibilitando um melhor entendimento dos educadores em relação ao desenvolvimento psicológico dos estudantes, pois, quando falamos em psicanálise estamos nos referindo a diferenciação do psíquico com o consciente e inconsciente.

Nesse sentido, no livro “O mal-estar na civilização”, Freud assinala três profissões que considera impossível de se trabalhar, sendo elas; educar, governar e psicanalisar. É evidente o desafio pedagógico anseado pelo professor de Geografia, nos remetendo a sugerir aqui as possibilidades de educar a partir de diferentes referências e de diferentes gerações de psicanalistas que vem tentando, entre outras coisas, caracterizar o TEA durante o decorrer dos tempos.

Freud, sem ser pedagogo ou professor, acabou influenciando na educação escolar por meio das teorias de sublimação, transferência, identificação e transmissão. Sabemos que somos influenciados por forças e pensamentos desconhecidos. Com isso, a afirmação que o psicanalista denominou de “forças inconscientes” teve uma significativa contribuição para a pedagogia. Portanto, o foco da psicanálise não foi ensinar crianças, mas compreender como essas pulsões nos move em direção ao conhecimento.

Freud foi um dos pensadores que mais colaboram para entender o motivo pelo qual desejamos aprender. Uma pergunta essencial é porque aprendemos com algumas pessoas e não com outras? E no que consiste ocupar a função de professor? Porque muitas vezes sacrificamos momentos de lazer, namoro, entreterimento ou de outras atividades prazerosas em detrimento de estudar, trabalhar ou até assistir vídeos educativos no YouTube?

Por que aprendemos com algumas pessoas e não com outras? Bom, é sabido que o psicanalista austríaco nos orienta com o princípio chamado de “transferência”, que foi descoberto durante sua prática clínica, quando percebeu que muitos pacientes acreditavam se apaixonar por seu psicanalista, se dando conta que isso acontecia porque elas projetavam aspectos infantis na figura do seu terapeuta. Vale salientar, que nem sempre é uma projeção com características “afetivamente positivas”, podendo inclinar para um viés mais negativo e intransigente.

Bom, mas o que isso tem a ver com a educação e na relação do professor de Geografia e o aluno com TEA? É que da mesma maneira que ao sermos analisados por um terapeuta é necessário criar um vínculo capaz de provocar afetos infantis inconscientes, na prática educacional para que possamos facilitar e apaziguar a interação aluno/professor também é necessário. Não menos importante, neste fenômeno existe a concepção de que muitas vezes aquela pessoa sabe muito e que pode nos ensinar algo, ou seja, que sem a sua ajuda não



conseguiríamos aprender.

Compreender essas formulações provavelmente auxiliará nas interações pedagógicas com todos da comunidade escolar, mas, pensando no estudante com TEA, o professor de Geografia na sua comunicação direta e indireta, deverá desmistificar a premissa do docente como “detentor do suposto saber”, termo cunhado pelo psicanalista e filósofo Jacques Lacan. A possível superação deste pensamento pode tornar o ambiente escolar mais ameno, desarticulando estruturas hierarquizadas, e tornando o espaço estudantil mais inclusivo e democrático. Esse tipo de crença é a mesma que a criança tem em relação ao pai, por isso que há um caráter infantil neste afeto.

O segundo princípio da psicanálise que auxilia a entender o processo de ensino-aprendizagem é o conceito de “identificação”, Freud utilizou fenômenos a partir da perspectiva psicanalista para exemplificar o que acontece em grande grupos sociais, ou seja, quando uma multidão de pessoas passa a se comportar de acordo com o que “acham”, como por exemplo, diante a postura de um líder carismático é possível que muitos seguidores renunciem os próprios prazeres em prol da vontade do líder. O problema é que esse tipo de comportamento é incompatível com a ideia anteriormente apresentada, que “o sujeito age sempre para satisfazer seus desejos e evitar punições”. Todavia, Freud explica que esse é um fenômeno que ocorre na esfera do “inconsciente”, onde o sujeito se identifica com o líder como se fosse a melhor versão dele próprio “o ideal de eu”.

Muitas vezes percebemos que algo semelhante acontece com os estudantes, eles se identificam com alguns professores de tal maneira que querem fazer as tarefas pedidas, como se fossem satisfazer a si próprio, podendo até copiar seus estilos e jeitos de se expressar. A identificação realizada pelo estudante com TEA pode manifestar-se de diferentes maneiras, podendo revelar quais ações educativas tendem a serem mais efetivas para ele.

Já no final da sua vida, Freud (1939) começa a refletir sobre a sociedade e a permanência da violência e da guerra, e também a se preocupar com o futuro da psicanálise e da sua continuação por meio da formação de novos psicanalistas, nesse período Freud lançou o “conceito de transmissão”, esse conceito explica a passagem de valores, crenças e afetos através das gerações, o autor afirma que isso acontece de forma menos intencional e consciente é mais como uma “insistência inconsciente” que se repete através da história, ou seja, para entendermos a trajetória da sociedade não seria suficiente uma visão linear da história, teríamos que perceber os fenômenos que rompem de tempos em tempos sem causalidade aparente.

A transmissão é também, em certo sentido, aquilo que os professores fazem. Não são



transmitidos apenas conteúdos ou ideias conscientes, mas também o modo de vida, formas de desejar ou posições éticas. É importante frisar que Freud apresentou esses conceitos para pensar a clínica psicanalítica, mas podemos utilizá-los para refletir sobre a prática dos professores de Geografia, ou até mesmo os educadores em geral.

O psicanalista não deve tratar nenhum conteúdo como se fosse mais elevado ou melhor a satisfação erótica, nem deve prescrever aos pacientes que busquem a sublimação através do conhecimento, da arte ou da religião, essa é uma conclusão a ser individual, da mesma forma não cabe ao professor reproduzir valores hegemônicos culturalmente ou doutrinar seus estudantes, assim inspirar através da sua ética e prática profissional, para que eles reflitam da sua maneira os conhecimentos e práticas existentes no mundo.

O psicanalista deve ter responsabilidade ao responder os afetos envolvidos nas transferências, descartando a visão do mesmo como se fosse de fato o destinatário único e ideal dos alunos. Apesar de ser um fenômeno natural e constitutivo do desenvolvimento do self, é apenas frustrando esses afetos que o sujeito pode vir a ter uma perspectiva mais madura sobre sua pessoa. Nessa direção, o professor também deve ter cautela quando esse deslocamento é intenso e assíduo. Os alunos com TEA podem manifestar esses fenômenos em escalas diferentes, podendo apresentar características únicas e especiais. Cabe ao docente reconhecer e viabilizar estratégias para proporcionar suavidade nesta interação.

Outra indicação relevante, que pode ser comparada com o trabalho docente, é que o destino ideal de um psicanalista é se tornar desnecessário, ou seja, descartado. O professor por sua vez, também deve esperar que cada aluno seja capaz de abandoná-lo e superá-lo. Esse é o caminho do conhecimento, superar as gerações anteriores. Os estudantes devem adquirir autonomia e perceber o docente apenas como alguém que detém mecanismos que podem potencializar as suas habilidades já existentes.

Quando falamos sobre a idéia de transmissão, com base nas considerações de Sigmund Freud, nos permite refletir sobre os papéis arrogantes atribuídos na prática terapêutica, criticando a postura do psicanalista que tem uma conduta presunçosa e onipotente em relação ao seu paciente. Para Freud, isso era equivocado, pois alguns sintomas tendem a retornar, não importando o tempo ou a dedicação ao tratamento. Com isso em mente, o objetivo seria então promover a capacidade do paciente de viver suas experiências da melhor maneira possível. Da mesma forma, não está inteiramente nas mãos dos professores a formação dos estudantes. Cada indivíduo se constrói intelectualmente, tanto em razão dos aspectos conscientes e intencionais da aprendizagem, como também dos aspectos inconscientes e fortuítos.



Na educação de estudantes com TEA, devemos possibilitar essa transmissão, criando uma relação amistosa e propositiva que visa ao apaziguamento das possíveis angústias. Não cabe ao docente entender que pode controlar e edificar majoritariamente toda a subjetividade do aluno.

Nos encaminhando para a conclusão, mesmo nunca tendo tomado a educação ou a escola como seu objeto principal de pesquisa, Freud nos ensinou muito sobre como funciona as relações humanas e toda a perspectiva que compreende a educação como um processo relacional, tendo uma importante relevância na prática docente, sendo estes, beneficiados pelas suas descobertas científicas.

3 AMADURECIMENTO PESSOAL – WINNICOTT

A partir da teoria do “amadurecimento” de Winnicott, em que ele determina que todos nós nascemos com uma tendência a amadurecer e se desenvolver, dependendo conseqüentemente de um ambiente propício para favorecer esse desenvolvimento, ou seja, se em algum momento o ambiente transforma-se em um espaço hostil, acaba prejudicando o indivíduo, podendo acarretar dificuldade e a interiorização dessa criança, que desenvolve certas estratégias defensivas, ocasionando diferentes patologias.

De acordo com a teoria de Winnicott, o ser humano parte de um estado de não integração social com tendências herdadas para o amadurecimento e precisará de outro ser humano para isso que isso aconteça. Ele vai precisar de uma “mãe-ambiente” que se identifique com ele e o ajude a integrar-se, ou seja, perceber-se no tempo e no espaço, reconhecer-se em seu corpo e na realidade, permitindo que ele viva uma experiência de onipotência que é importante, no início, para afastar a ameaça de falta de controle sobre o que se apresenta.

[...] a encontrar realmente aquilo que ele cria, e a criar e vincular isso com o que é real. [...] se aquilo que está sendo criado precisa ser realizado concretamente, alguém tem que estar lá. Se ninguém estiver lá para fazer isso, então, num extremo, a criança é autista - criativa no espaço - e tediosamente submissa em seus relacionamentos [esquizofrenia infantil]. (Winnicott, 1999, p. 39).

Nesse sentido, Winnicott aborda o ambiente representado pela mãe, isto é, a pessoa que desenvolve a função materna, necessitando da mesma um estado de bem emocional, para que ela possa cuidar do seu bebê ou criança, identificando as necessidades e favorecendo assim, o desenvolvimento do bebê. Uma mãe que não é atenta as demandas acaba perdendo a possibilidade de um melhor cuidado a essa criança. Se a mãe, por exemplo, está emocionalmente frágil, esta



fragilidade e cooptada pela criança, que por não ter uma estrutura linguística acolhedora, acabará internalizando receios e angústias que lhe foram transmitidos.

O ser “cuidado para cuidar” leva o referido autor a destacar também a importância do pai nesse convívio compartilhado (o cuidar com a mãe). Para falar sobre o TEA é importante entender esse processo inicial da vida da criança, cujo momento, segundo o autor, da “dependência absoluta” é que a família vai observar que falhas graves no ambiente poderão desencadear possíveis sintomas do TEA "uma organização defensiva relacionada a uma agonia primitiva", para Winnicott (1999), o bebê adoce porque não consegue evoluir intelectualmente.

É importante frisar neste contexto o tempo em que esses pensamentos foram levantados com a atualidade, ou seja, quando falamos do TEA temos uma leitura nosológica, aqui consideramos o DSM-5 que não considera o TEA no grupo das psicoses e esquizofrenias como era na época de Winnicott, para o autor, o autismo era uma forma de defesa do isolamento frente estímulos do meio fazendo com que a criança realizasse uma interiorização e ruptura com o real imediato. Portanto, nas fases iniciais da vida as crianças não tem recursos para lidar com certos meios resultando as agonias impensadas, se pensarmos em uma criança com TEA essa fase poderá ser mais lactente

Da forma como o autor coloca a importância de cuidar de quem cuida da criança, essa pessoa tendo apoio e tendo sustentação vai se sentir mais confortável para se relacionar a essa criança, neste caso podemos analisar na lógica educacional das pessoas com o TEA, a importância de um bom educador e dos órgãos competentes para lidar com a subjetividade de cada estudante.

Enfim para compreensão da psicanálise de Winnicott para o TEA com embasamento na teoria do amadurecimento, é preciso considerar o ambiente em que essa criança se desenvolve, a relação desse cuidador com a criança, a sustentação e o apoio emocional que esse cuidador recebe, observando as possibilidades maternas em estar disponível para com essa criança.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

O eixo teórico-metodológico é de extrema importância na pesquisa acadêmica. Com isso em mente, buscamos nos basear em pensadores que possuem um extenso lastro acadêmico, conceituados e citados em todo o mundo. A leitura de artigos acadêmicos e capítulos de livros foi utilizada na produção desta pesquisa. O Google Acadêmico possibilitou investigar os mais variados artigos cujo tema relacionava psicanálise, educação e autismo/TEA, garantindo uma coleta de informações mais completa e diversificada.

Por meio da biblioteca, realizou-se uma leitura cujo intuito era correlacionar produções
Revista Diálogos Interdisciplinares – GEPIFIP/UFMS/CPAQ



da psicanálise com os temas estudados por educadores de Geografia. Para finalizar, essa produção científica contou com a utilização de referencial histórico, na relação entre teoria e prática, observarmos o desenvolvimento teórico e seu período histórico correspondente, identificando a evolução e modificações que os conceitos tiveram no desenrolar da dinâmica social e científica.

5 METODOLOGIA

Para transcorrer acerca do TEA, propomos uma vertente psicanalítica que compreendesse as múltiplas categorias do sujeito. A utilização de teóricos como Freud e Winnicott foi crucial para pudéssemos estabelecer os contornos necessários ao entendimento TEA, assim como seus desdobramentos no processo didático e na dinâmica escolar.

Sabe-se que a relação dialética entre ambiente e indivíduo é uma das principais bases para a construção da personalidade do sujeito e, qualquer tipo de tensão e estresse ocorrido durante essa interação, pode acarretar alterações na percepção e constituição humana. Com isso em vista, a pedagogia também apresenta-se neste artigo como ferramenta atuante na assimilação de problemáticas e dos diversos distanciamentos no processo de aprendizagem vividos por estudantes com a condição do TEA.

É no conceito de didática-estética de Vygotsky, que essas barreiras podem ser suplantadas. A análise precisa do ambiente escolar sendo esse um dos principais interesses neste artigo, e o pensamento de Foucault pode abrir caminhos para compreendermos a instituição educacional e elaborarmos soluções coesas e interligadas à psicanálise e a pedagogia.

6 RESULTADOS

Os resultados aqui obtidos evidenciam que o processo de ensino-aprendizagem requer uma apreensão de todas as categorias fundantes que regem o meio escolar. Para o estudante com TEA, possibilidades de maior humanização e homogeneização considerando as características para a elaboração de práticas pedagógicas, evitando a fabricação de arranjos espaciais angustiantes que acabam tornando a realidade da educação uma entidade fadada ao solipsismo didático, à medida que generaliza as específicas formas de aprendizado e afasta a criatividade e o espontaneísmos existentes nas relações sociais.

O professor de Geografia detém de ferramentas excepcionais para proporcionar uma conexão que surpreenda, mesmo que momentaneamente, os ruídos oriundos de uma



espacialidade alienante e alienada. Os estudos referentes ao TEA deve ser reconhecido como parte formativa do professor, possibilitando rupturas existentes nas práticas das escolas tradicionais.

A didática-estética pode afastar temporariamente os estranhamentos e aproximar o estudante com TEA as práticas em sala de aula. Recursos como imagens, objetos lúdicos e disruptivos, música e até mesmo o surrealismo e realismo artístico, não devem ser economizados quando se trata de estabelecer uma linha imaginária de convergência entre o conteúdo, assim perceberemos a subjetividade do estudante.

A Geografia é uma disciplinas exuberante em paisagens, cores e formas repletas do que os filósofos clássicos chamavam-a de sublime. Sendo assim, a pesquisa possibilitou acrescentar as discussões pertinentes para todos aqueles debruçados no ato de ensinar a ensinar e aprender para ensinar.

Os resultados aqui obtidos demonstram as potencialidades da disciplina de Geografia que ao utilizar uma didática-estética, afasta os estranhamentos e estruturas alienantes presentes no processo de ensino-aprendizagem tradicional. Ao conseguir esse feito, os professores de Geografia podem auxiliar no ensino de alunos com TEA propondo-lhes atividades em que tenham interesse em realizar, como por exemplo, por meio da utilização de mapas, pinturas, poemas e conteúdos visuais estabelecendo um diálogo mais profundo e real, cabendo ao professor estar atento ao modo como o aluno se insere nas atividades estéticas-pedagógicas, suas preferências e nível de conhecimento apriorístico.

A modificação da estrutura tradicional da escola, hierarquizada e intransigente, requer um profundo processo de alteração política, social e econômica. O professor de Geografia não possui mecanismos para tal alteração, mas pode disputar esses espaços, construir formas de enfrentamento e aprimoramento do ambiente, pois a educação, mesmo com todos os ataques que sofre, e com os diversos obstáculos que adentram sua estrutura, ainda sim, pode ser libertadora ao utilizar procedimentos disruptivos e dialéticos.

A hostilidade do ambiente se expressa por meio do alto nível de hierarquia, onde o professor possui autoridade material e subjetiva e contempla um conhecimento ratificado apriori. A disposição das cadeiras, a estrutura linguística discrepante dos alunos e professores e a forma alienante do conteúdo são manifestações da hostilidade do ambiente escolar. Contudo esses levantamentos resultam nos diferentes estudos da psicanálise acerca de pessoas com TEA e suas influências na educação escolar.

A discussão incentivada com a explanação dos resultados obtidos pode contribuir para



uma visão que desconsidere certos “preconceitos teóricos”. Apesar da pesquisa conter autores de diferentes campos do conhecimento, é possível estabelecer comparativos e transcender a divisão do conhecimento implementada pelo modo de produção capitalista.

O artigo em questão buscou à reconciliação de alguns pensadores com métodos e procedimentos divergentes, como Freud e Vygotsky, por exemplo. Todavia, essa licença científica se justifica por conta da gradativa coisificação e fragmentação do saber em rigor na pós-modernidade. Sendo assim, a interação entre diferentes campos epistemológicos podem auxiliar na compreensão do desenvolvimento dos estudantes com ou sem deficiência ou transtornos.

Uma quantidade significativa dos artigos examinados não consideram o ambiente como categoria importante a ser analisada. Com o devido olhar geográfico para com a educação, pretendemos salientar a vigência deste objeto de pesquisa para entender a escola no seu aspecto holístico, conectando sujeito e objeto, ser e espaço.

Dependendo do objetivo de pesquisa Foucault, Vygotsky, Freud e Winnicott, mesmo com visões diferentes, podem se complementar. Nada mais justo que correlacionar esses pensamentos e formartá-los na prática docente, prática está que requer flexibilidade e interdisciplinaridade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição espacial escolar e suas manifestações podem dificultar à inserção do aluno com TEA transformando o processo inclusivo em um caminho com diversos obstáculos e empecilhos. A pesquisa aqui produzida poderá render pontos interessantes sobre como entender a profundidade e complexidade existentes no itinerário didático. A análise do espaço inserido nos fenômenos educacionais é relevante para conseguirmos aprimorar nossa observação e solidificar o método de investigação usado nas ciências humanas.

O ensino de geografia detém de instrumentos estéticos, lúdicos e visuais capazes de aprofundar o método de ensino-aprendizagem. Disciplinas como cartografia, percepção ambiental e biogeografia, por exemplo, carregam um arcabouço de recursos visuais que, intensificam as interações aluno/conteúdo e viabilizam uma alternativa pragmática no que concerne à superação da proposta tradicionalista.

A psicanálise winnicottiana compreende a importância do ambiente para a constituição do sujeito social e, com isso em vista, pretendeu analisar de forma dialética a relação entre o indivíduo e o meio que o circunda. Cabe aos pesquisadores da educação, estabelecer uma aproximação entre as diversas vertentes pedagógicas e o papel do ambiente na gradativa



construção do ser, potencializando-se o ambiente que humaniza e, distanciando àquele que desintegra.

Com isso em mente, a geografia escolar detém de múltiplas formas de intervenção com a possibilidade de integração do aluno com TEA, apesar do ambiente escolar tradicional ainda assimilar vicissitudes e hierarquização dos professores. É de extrema importância buscar configurar o ambiente de modo que adquira maior flexibilidade e maior protagonismo do estudante, descaracterizando as sólidas cadeias de equivalência e desigualdade no espaço estudantil.

Espera-se que as ferramentas audiovisuais auxiliem numa reciprocidade natural, onde o desejo do aluno se confunda com o objeto de estudo, criando assim uma espécie de unicidade entre o real, o simbólico e o imaginário.

O professor, na visão de Paulo Freire, é um eterno estudante e, podemos agregar neste pensando uma visão particular adquirida no decorrer da produção científica do artigo. Não existe nada mais educativo e renovador do que conseguir escapar da previsibilidade e imediatismo corriqueiro presente no espaço do educar, e inspirado nos grandes educadores, brasileiros ou não, esse texto é apenas uma pretensão sincera de modificar radicalmente o modelo toyotista da escola contemporânea.

REFERÊNCIAS

ANDRADE RODRIGUES, Maria Goretti; Domingues Gonçalves Caveari de Sousa, Renata; Bandoli Tavares Vargas, Thamyres **Infâncias ditas autistas na escola: repercussões de pesquisas no mestrado em ensino**. Praxis & Saber, vol. 10, núm. 23, 2019, Maio-Agosto, pp. 117-138 Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia (UPTC).

American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes. 2007.

LAGO, Maria Jéssica Rocha. **Educação e Psicanálise: Interloquções acerca do sujeito com autismo**. Brasília-DF, Março de 2013. 73 páginas. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D. W. (1986h [1970]). **Vivendo de modo criativo** [Living creatively] (P. Sandler, Trans.) Tudo Começa em Casa (3ª ed., pp. 23-39). São Paulo: Martins Fontes, 1999.